

ÉTICAS E ESTÉTICAS DO ESTAR-JUNTO: o bairro de São Sebastião ou Rocio dos Pretos

Sônia Maria dos Santos Marques¹

Resumo

Esse artigo apresenta reflexões iniciais sobre pesquisa em desenvolvimento no bairro de São Sebastião ou Rocio dos Pretos localizado no município de Palmas, Sudoeste do estado do Paraná. Nesse texto procuramos, por meio da alocução dos seus moradores, dar a conhecer aspectos de sua vida cotidiana, da mesma forma que fazer emergir a fala de um grupo étnico que foi invisibilizado ou teve sua presença obliterada nas narrativas históricas da região. Os dados apresentados no artigo foram obtidos por meio de entrevistas-narrativas, anotações no Caderno de Campo e análise de documentação sobre a constituição do bairro.

Palavras-chave: São Sebastião; estar-junto; ética; estética.

ETHICAL AND ESTHETICS OF GETTING TOGETHER: from São Sebastião or Rocio dos Pretos District

Abstract

This article the first reflections about an on going research at the São Sebastião or Rocio dos Pretos district located in de county of Palmas, southwestern Paraná state. In this text we try, by means of allocation of its residents, to show the aspects of their daily lives, as well as making the talks of an ethnic group emerge, this group has had their presence obliterated in the historical registers of the region. The data shown in the article were acquired through commented-interviews, scraps registered in a Field Notebook and analysis of documents about the formation of the district.

Key-words: São Sebastião; get together; ethical; esthetics.

¹ Professora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, campus de Francisco Beltrão, e doutoranda da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Por que a gente aqui é como essa árvore, a gente tem raízes profundas, a gente é dessa terra. Nos diferenciamos, mas ficamos como os galhos da árvore: ligados a ela, mas todos diferentes.

(Maria Arlete, 65 anos, moradora do bairro de São Sebastião, 25/02/2005).

Apresentar o bairro de São Sebastião pode parecer intenção pretenciosa se considerarmos que a vida e as socialidades não se deixam aprisionar em molduras, não são capturadas. No entanto, o que pretendemos fazer é indicar contornos, captar indicativos de formas, descrever o dito/sentido/vivido por seus moradores, cientes dos limites que essa tentativa possa ter e, ao mesmo tempo, anunciar a fertilidade da temática como processo de investigação. É importante dizer que a breve apresentação do bairro far-se-á a partir das narrativas das pessoas mais antigas².

Ao buscarmos referências sobre a história de Palmas (NAZARO, 1999; MARCONDES, 1977; BAUER, 2002), encontramos poucas informações sobre o Bairro de São Sebastião, ainda que este seja o mais antigo do município.

O bairro de São Sebastião do Rocío, que é o mais antigo da cidade, tinha sua capela antigamente administrada por Tia Adealaide e Tia Joana. A festa de São Sebastião, dia 20 de janeiro, era muito concorrida. A ela compareciam não só os moradores da cidade, como também os fazendeiros (BAUER, 2002, p. 117).

Nas visitas que fizemos à cidade de Palmas e ao bairro em estudo observamos a forma como os moradores nomeiam o bairro - São Sebastião. Parecem eleger como elemento de identificação a religiosidade, a festa, o vivido cotidianamente³. De outro lado,

² Mantivemos a designação *os antigos* por que essa emerge na fala das pessoas e nos parece trazer um sentido de reverência, de historicidade assumida pelo grupo.

³ Anotamos, no Caderno de Campo essa observação: "pareceu-nos que essa designação não agrada aos moradores negros que falam sobre a importância de sua relação com a terra, sem jamais utilizar o termo Rocío. Uma das moradoras nos afirmou que foi buscar no dicionário o significado da palavra, nos falou a definição e voltou a referir-se ao bairro como São Sebastião" 14/02/2005.

notamos que, na cidade, o bairro é conhecido e reconhecido como Rocio, ou Rocio dos Pretos. Consideramos interessante pensar que o processo de nomeação, nas duas situações, parece remeter a certa condição de identidade. Os outros moradores os vêem como os que moram no Rocio, termo que, no dicionário Ferreira (1999, p.1775), é apresentado como “antiga roça, que se aproveita para capinzal”, ou ainda, “terreno roçado e usufruído em comum”, parecendo remeter à forma como foi trabalhada a terra em outros tempos⁴.

Referimos diferentes processos de identificação, no entanto, entendemos que para os moradores do bairro, esta se associa a elementos de proximidade e socialidade que incluem memória, laços de parentesco, ocupação e espacialidade. Caminhando por entre as ruas de terra que cortam o bairro, acompanhada por uma moradora, podemos perceber os laços de parentesco que ligam aqueles sujeitos a partir da forma como os moradores se cumprimentam: “a bença tia”, “a bença vô”, “como vai o tio”, “oi comadre”, “passa lá em casa para pegar milho”, “comprei as coisas para fazer o bolinho do aniversário dela, não esquece de ir lá em casa”. Dessas falas, aduzimos que os laços de parentesco, vividos naquele espaço, não se referem somente à consangüinidade, mas se ampliam para o vivido-junto, que remete a uma origem, a um estar-junto, que os faz próximos e parte de uma família.

Ouvimos manifestações de alegria de alguns moradores com a possibilidade da escrita de sua história, da história do bairro, de ver suas narrativas transformadas em palavras escritas, aprofundando a significação desse movimento. Assim, o desejo da narrativa, expresso no discurso das pessoas, nos faz apresentar o bairro a partir da fala de seus moradores:

Os parentes não permaneceram com a terra. Então era só preto, só preto, morando no bairro. Teve branco depois que o filho dos pretos casaram com brancos. Os pretos predominavam até 1982. Daí foram se empregando, os filhos saíam e levavam os pais; e assim foi diminuindo, daí vendiam um pedaço de terra que já era legalizada, daí vendiam para brancos. Isso era só família negra e agora você vê muitas pessoas (MARIA ARLETE, 65 anos, 25 /02/ 2005).

⁴ Talvez a afirmação que segue seja precipitada, mas nos pareceu, (anotamos essa impressão no Caderno de Campo nos dias 14 e 25/02/2005) que os moradores, quando referem Bairro do “Rocio” acionam um sistema classificatório, referindo “eles”, aqueles que estão fora, aqueles que contrastam conosco. É interessante pensar que o bairro não fica tão distante do centro da cidade (aproximadamente 4 km).

A fala da moradora remete para a composição étnica inicial do bairro, afirma que este era predominantemente negro, ao mesmo tempo em que anuncia processos de modificação dessa condição. A mesma moradora situa e historiciza o vivido junto, aduzindo que este é parte do passado, no qual a escravidão - memória social do conjunto dos negros no Brasil - ganha contornos de proximidade: "tinha uma irmã da minha avó, ela foi escrava mesmo, a tia Salomé. Tinha as mãos queimadas, tinha a orelha bem rasgada. Tinha as marcas da escravidão porque foi escrava". Ou ainda, "ele era filho do finado meu avô, deixa ver se me lembro: eram nomes tão engraçados, tio Cabinda. Eram só nomes de escravos" (MARIA ARLETE, 25 de fevereiro de 2005).

Nas conversas com os moradores, aparecem figuras femininas que tiveram atividades marcantes, como liderança no bairro, liderança na família, mulheres que subvertiam os papéis sociais, como inhá Corita, escrava que, trabalhando na construção de taipas que dividiam as propriedades rurais, desvia-se dos lugares tradicionais da mulher escrava (senzala ou casa dos senhores), ou ainda, mulheres que se ajustavam⁵ ao que era compreendido como papel social feminino. De qualquer forma, essas figuras femininas marcam o dia-a-dia do bairro como indica a fala:

São Sebastião do rocío é matriarcal, homem nenhum manda naquele bairro, era a Dona Joana, Tia Joana; em 1950 eu fui para Palmas com 11 anos; ela inda vivia. Depois de Dona Joana, veio a filha dela, dona Adelaide, depois da Dona Adelaide veio a dona Arlete, e antes de todas elas a Adelaide Maria Ferreira (PADRE NATALÍCIO, 61 anos, 26/02/2005).

Padre Natalício tem 60 anos e diz que conhece e tem relações de amizade com as pessoas do bairro desde os seus 11 anos, quando foi para o seminário. Nesse longo tempo de convivência, afirma ele, conheceu mulheres que exerciam essas atividades de liderança, de

⁵ Não pensamos o ajustar como sinônimo de imobilidade, mas no sentido falado por Adélia Prado quando refere o cotidiano "A gente diz que a coisa é assim a escolha pelo cotidiano não é deliberada minha e eu D. Adélia vou escrever sobre a minha cozinha, a batatinha, o meu feijão e arroz. Acontece que essas coisas sempre me chamaram atenção a maravilha do corriqueiro, daquilo que é óbvio". Entrevista apresentada no site: http://virtualbooks.terra.com.br/padregabriel/entrevista_adelia_prado.htm

outras ouviu falar, por meio da narrativa dos moradores sobre as personagens características do bairro.

Pode parecer que há um contraste entre essas figuras femininas, que se destacavam por sua atuação como líderes, benzedeiiras, parteiras, e outras que permaneciam em atividades menos visíveis, o que não significa menos importantes, como nos referiu uma entrevistada⁶.

Ela não tinha tempo de conversar com os filhos, porque ela trabalhava muito, ela lavava roupa para fora, de dia ela tinha que lavar, de noite ela tinha que passar roupa, no outro dia entregar as roupas então ela dizia não vou contar histórias para vocês, vou dormir, vou descansar um pouco. O pai tinha mais tempo, porque enquanto ele estava trançando⁷ ele ia contando, quando nos tomava atenção. A mãe não (D. ALVINA, 81 anos, 25/02/2005).

D. Alvina lembra do cotidiano de sua mãe, mulher que passava os dias a lavar e passar roupas atividade essencial para a subsistência da família⁸. Ao mesmo tempo, enuncia a figura paterna como o contador de histórias, aquele que diz da tradição, dos "antigos", que afirmava a importância de conhecerem sobre os seus.

Descrever os contornos do que marca o estar-junto no bairro de São Sebastião, talvez envolva pensar, ou melhor, ter a intuição⁹

⁶ Mulher de 81 anos, nomeada pelos moradores como das "antigas".

⁷ O pai da entrevistada é figura conhecida no bairro pelas atividades artesanais que desenvolvia. Trabalhava com couro. Produzia utensílios com couro trançado para as fazendas da região.

⁸ É interessante pensar que essa atividade não limitava a mãe da entrevistada, era integrante do cotidiano como indica a fala "na segunda-feira era aquele cordão de mulher indo para a cidade buscar a roupa".

⁹ Segundo Maffesoli (1998, p.131) "Só é possível racionalizar ou pensar os fenômenos humanos depois que estes ocorrem. De um modo um tanto trivial, lembrei que o sociólogo deve ser antes de mais nada um farejador social. Isto é, alguém que saiba reconhecer no devir cíclico das histórias humanas, o instituinte, aquilo, aquilo que periodicamente (re)nasce, nunca está em perfeita adequação com o instituído, com as instituições, sejam elas quais forem, que sempre são algo mortíferas. De certa forma, a intuição como forma de antecipação. Frisei bem que se trata de uma sensibilidade intelectual. Sensibilidade de modo algum exclusiva mas que tem, também ela, seu lugar no quadro dos meios que a sociedade se dá para compreender a si própria. Sensibilidade que se inscreve, de maneira geral, naquela filosofia do "sím" da qual Nietzsche (1987) foi o promotor. Filosofia vitalista e trágica que, bem ou mal, aceita aquilo que é enquanto tal, e reconhece a beleza do dado mundano."

do que marca a constituição do "nós" naquele lugar, sobre o que os faz identificarem-se como grupo, ser parte de uma comunidade. Nesse sentido, o sentimento de religiosidade ganha vulto, como um dos elementos que compõem essa complexa figura. A fala de uma moradora parece trazer indicativos interessantes:

A Adelaide Maria Trindade era Batista. A minha tia Adelaide Maria Ferreira levou o nome por causa da Adelaide Maria Trindade que era a primeira que veio para São Sebastião, que trouxe São Sebastião que veio com as expedições (MARIA ARLETE, 65 anos, 14/02/2005).

Parece que o código religioso é, nesse caso, essencial, pois não é apenas o que nomeia o bairro - São Sebastião - mas como espacialidade, lugar de encontro, como símbolo de ligação ao inicial, à origem¹⁰ (o símbolo remete àquela que iniciou o povoamento do bairro, ao conteúdo...) e, provavelmente, muitos outros sentidos que neste momento nos escapam. Religiosidade que não se configura em uma instituição, mas que transborda das mais variadas formas, como indicam as falas

Então é uma história, mostra primeiro a união do povo, são muito unidos entre si, são católicos e até pouco tempo atrás conservavam alguns ritos, danças, mas que eles não comunicavam assim para a igreja (PADRE NATALÍCIO, 61 anos, 26/02/2005).

O monge João Maria¹¹ ficava na casa de minha avó, ele ficava sempre perto dos olho de água. Nós podemos ir lá. As pessoas vão lá para se curar, quem toma daquela água fica bom¹² (MARIA ARLETE, 65 anos, 25/02/2005).

¹⁰ Adelaide Maria Trindade, mulher que vem nas primeiras expedições e que "escolhe" aquela localidade como lugar de habitação. A palavra "escolhe" também pode ser problematizada se considerarmos que os campos de Palmas são disputados entre os grupos de fazendeiros (campos altos e baixos) ficando para os negros escravos e ex-escravos as terras que não entraram na disputa, porque não integravam o interesse fundiário daquele grupo. Dessa forma, junto com a decisão pela terra, há também a decisão pelo símbolo que pode ser relacionado a essa terra.

¹¹ Segundo Schmitt (1998, p. 13) "Têm-se registro da existência de dois monges João Maria diferentes que andaram pela região, João Maria de Agostini, que morreu em 1870 e João Maria de Jesus, desaparecido em 1906. Nos relatos dos cafusos há referências a visitas do profeta São João Maria a suas casas pelo menos 20 anos após o fim da guerra: Isso sugeria existência de outros andarilhos que se faziam passar pelo profeta ou eram identificados pela população como tal". De acordo com a autora, o que caracterizava os líderes messiânicos, além do aconselhamento e das previsões a respeito do sobrenatural, atribuições ligadas a personalidades desses sujeitos: "sua humildade, simplicidade, falta de ambição, solidariedade" (SCHMITT, 1998, p. 13).

¹² Sobre o Conestado, Schmitt (1998, p. 37) afirma que "o messias aguardado pelos combatentes era São Sebastião, tendo Jesus Cristo sido mantido "distante da lura".

Seguindo o fio da vida, do estar-junto no bairro, as festas aparecem como momentos de celebração, de questionamento ou acomodação do lugar social, de ritualização... Nas alocações dos moradores, podemos encontrar alguns indicativos interessantes.

Se a *procissão* era o dia da festa elas, as virgens, não podiam ir na festa. Tinham que ficar todas naquele quarto, aí ficavam lá. Dizem que a tia Salomé, que foi escrava era ruim. Ficava com uma vara de marmelo para surrar elas, qualquer coisa já... Diz que ela fazia aquelas trancinhas bem apertada, aquelas trancinhas que usam agora, só para judiar (D. ALVINA, 81 anos, 14/02/2005).

A festa toda a vida era dia dezenove e vinte. Dia 19 nós se divertia, dia 20 não, nós podia olhar, mas nós não se divertia. No dia 19 nós tinha vez, nós se divertia. No dia 20 era dos fazendeiros, dos brancos. Nós podia olhar, mas se algum de nós entrasse no salão, a finada tia Laide tirava e dizia que os outros tinha que se divertir e dizia que nós podia só olhar (D. ALVINA, 81 anos, 14/02/2005).

O carnaval era nas casas, era uma coisa assim, se reuniam e entravam na frente dançando e saíam nos fundos. Faziam fantasias, eram criativos e o carnaval era assim brincando de casa em casa. Só aqui no bairro (MARLA ARLETE, 64 anos, 14/02/2005).

A ligação com a terra tem centralidade nas narrativas: aparece nas metáforas que usam para dizer quem são, nas descrições das relações com o outro, ao enunciar as mudanças que o bairro passou, de uma terra que não tinha cercas para pequenos terrenos, nos processos de trabalho, seja nas lavoura ou na extração de madeira para a construção das moradias... Assim, identificar as formas de trabalho, apropriação e titulação das terras pode, também, trazer indicativos importantes sobre o estar-junto, como insinuam as falas:

Então fazia um puxirão e o vizinho ajudava a carpir na lavoura do outro. Então a comadre Arlete tinha cinco ou seis piá então eu já dizia para ela trazer eles. No sábado eu dava o almoço, o café das três, mas não cobravam. Se ela precisava eu podia mandar os meus para lá para a lavoura dela, mas não cobrava. No puxirão as mulheres ficavam em uma parte e os homens em outra, mas mulheres também iam carpindo, as mulheres carpindo e os homens roçando, se tivesse que derrubar árvore e preparar o terreno para plantar, todos tinham o terreno para plantar (D. ALVINA, 81 anos, 14/02/2005).

São Sebastião é isso, que é um bairro que surgiu de ex-escravos, eles não gostam muito de falar disso, se uniram entre si e dali eles partem até hoje para trabalhar nas fazendas, no reflorestamento, as senhoras cuidam das casas, lavam as roupas mas sempre foi ali o centro deles, ao redor da capela, até hoje (D. ALVINA, 81 anos, 14/02/2005).

Olhar essas aparentes banalidades, que compõem as insignificâncias da vida cotidiana no bairro de São Sebastião, implica o desejo de operar com a descrição. Pensamos essas insignificâncias como repositórios de vida, lugares nos quais se configura o estar-junto. A tentativa é, descrever os processos inventados, copiados, repetidos, presentes no cotidiano do bairro, sejam aqueles que impregnam as relações familiares ou os que juntam essas diferentes famílias e compõem um sentido gregário. A fala de uma moradora expressa esse mesmo sentir:

“a gente vai passando para os netos, por mais que não seja igual. Eles vão fazendo para os outros, os netos têm que contar para os outros e assim vai indo. Nossa história nunca a gente pode deixar morrer acabar, porque senão termina. Depois, mais tarde a gente pode contar” (MARIA ARLETE, 65 anos, 25/02/2005).

Na tentativa de mostrar a fertilidade dessa temática deixamos antever, brevemente, algumas características do bairro, tais como os laços de parentesco, o passado comum vivido como escravos, as lideranças, o sentido de religiosidade, a significação da festa, as múltiplas formas de ligação com a terra, e os processos de socialidade que se geram a partir dessas múltiplas relações.

Na seqüência analisamos dois objetos consagrados¹³ no cotidiano do bairro: a imagem de São Sebastião (santo padroeiro da localidade) e um tacho. As duas imagens remetem a significados que parecem atravessar o universo de representações da entrevistada e, de alguma forma, dos moradores do bairro. Assim, o que propomos

¹³ Entendemos consagrar no sentido de dar significado ou função, de por meio de ritos ou ações, atualizar constantemente o valor desses artefatos, de tal forma que estes se transformam em signos, marcas do estar-junto.

é, à medida que apresentamos os objetos¹⁴, delinear a discussão teórico-conceitual que configura esse artigo. A primeira imagem, São Sebastião¹⁵, remete ao nome do Bairro, a representação do santo padroeiro, ao início do povoamento, ao sentimento de religiosidade, a um espaço de socialidade, a uma Instituição - Igreja, ao centro do bairro, ao processo de nomeação e identificação dos moradores...

Poderíamos discutir essa multiplicidade de significados, mas, nesse momento inicial, cabe-nos perguntar a respeito do tecido sobre o qual circulam essas significações. E mais: sobre a plasticidade de um relacionamento expressivo que coloca em movimento os sentimentos e a constituição de uma idéia de "nós". Esta não está amparada nos balanços do crescimento do número de habitantes do bairro, nas distribuições político-administrativas do município, ainda que as englobe, mas em uma relação afetual, marcada pela ambigüidade, pelo movimento de atração/repulsão, por uma ambiência vital.

Talvez, seja oportuno um questionamento: a partir de que marcas é possível fazer tal prospecção? Entendemos que ela se expressa na fala dos moradores quando afirmam as mudanças na composição étnica do bairro, quando classificam os habitantes entre os antigos e os novos, fazendo clara referência a uma marcação de tempo - tempo vivido-com, quando se afirmam mestiços, caldeados na mesma medida em que reconhecem e assumem a identificação que existe no município, de que este bairro é eminentemente negro¹⁶.

¹⁴ Nesse sentido, Bosi (2003, p. 27) afirma que "Tudo fala, o teto, o fogo, as esculturas, as pinturas. Os pratos e as colheres blasonadas, com o totem do clã são animados e teóricos: são réplicas dos instrumentos inesgotáveis que os espíritos deram aos ancestrais. O tempo acresce seu valor: a arca passa a velha arca, depois a velha arca que bóia no mar, até ser chamada de a velha arca que bóia no mar com o sol nascente dentro. A casa onde se desenvolve uma criança é povoada de coisas preciosas que não têm preço. As coisas que modelamos durante anos resistiram a nós com sua alteridade e tomaram algo do que fomos. Onde está nossa primeira casa. Só em sonhos podemos retornar ao chão que demos nossos primeiros passos".

¹⁵ A imagem de São Sebastião, segundo relato dos entrevistados, veio com a primeira motadora. A imagem, já foi restaurada, permanece na igreja, junto com "Nossa Senhora dos Remédios" e São Benedito. Essas (trans) figuras impregnam uma carga afetiva ligada a vida no/do bairro.

¹⁶ No estudo "As representações sobre o negro no município de Palmas: o caso do bairro São Sebastião ou Rocio dos Pretos", Choaste (2004, p. 29) coletou as seguintes impressões: "a gente ouve falar que no Rocio só mora preto, só tem bandido. Se dissermos que moramos no bairro as pessoas se afastam e até modificam o comportamento, existe diferença quando dizem no Rocio. Eles dizem que aqui só tem bandido e a gente acaba passando por gente ruim". Na mesma investigação a autora pediu para moradores e não-moradores usarem quatro palavras que eles acreditassem que serviam para identificar o bairro. No primeiro grupo obteve: "maravilhoso, lindo, tranquilo, bom, vida, luta, sofrido, lutador, pobre, trabalhador, educado, humilde, unidos, alegre, bom de morar, limpo, afastado, bonito, seguro". No segundo grupo, não-moradores do bairro, apareceu: "carente, habitável, pobreza, sujeira, marginal, sofrido, miséria, falta de saneamento, pessoas comunicativas, violência, isolado, mal estruturado, esquecido, mal localizado".

Neste sentido, parece que o substrato cotidiano que entrecruza o ser do bairro de São Sebastião e o estar no bairro de São Sebastião é marcado por uma pregnância sensual.

Não entendam, com isso, que fazemos afirmação essencialista¹⁷, como se houvesse algo inscrito na natureza e que vinculasse, de forma indelével, aqueles seres entre si. Quando referimos a idéia "ser" do bairro, estamos fazendo alusão às disposições experienciais identificadas e reconhecidas por aqueles que as vivem¹⁸ como parte de um grupo que guarda profundas diferenças entre si, da mesma forma que mantém relações de contigüidade, laços de vizinhança e familiaridade próprios de quem vive nas mesmas cercanias e que conduzem a uma proximidade existencial.

Aqui, estamos fazendo referência a uma experiência estética que Maffesoli (1997, p.243) entende como "o fato de experimentar emoções, sentimentos, paixões comuns, nos mais diversos domínios da vida social".

Não pretendemos tomar estética como conceito central que pretende responder aos questionamentos que aparecem ao longo do trabalho, tampouco situá-la como qualidade intelectual e cognoscitiva capaz de capturar a vida social que decidimos compreender, mas como noção, que parece ter potência para captar as diferentes nuances, as vitalidades, as ambigüidades que impregnam aquele tecido social.

Sabemos que a modernidade seccionou o que deveria ser estudado, estabelecendo categorias, que se acreditavam marcadas pela racionalidade e com capacidade de apreender a dinâmica social a partir de um olhar de fora¹⁹, estabelecendo, de alguma forma, um

¹⁷ Woodward (2000, p. 12) afirma que uma "explicação essencialista da identidade (...) sugeriria que existe um conjunto cristalino, autêntico de características que todos (...) partilham e que não se altera ao longo do tempo".

¹⁸ Talvez fosse possível justapor ao que Guattari (1992, p. 127) chama de *Agenciamentos Territorializados de Enunciação*. Afirma que "através de diversos modos de semiotização, de sistemas de representação e de práticas multireferenciadas, tais agenciamentos conseguiam fazer cristalizar segmentos complementares de subjetividade, extrair uma alteridade social pela conjugação da filiação e da aliança, induzir uma ontogênese pessoal pelo jogo das faixas etárias e das iniciações, de modo que cada indivíduo se encontrasse envolto por várias identidades transversais coletivas ou, se preferirem, no cruzamento de inúmeros vetores de subjetivação parcial. Nestas condições, o psiquismo de um indivíduo não está organizado em faculdades interiorizadas, mas dirigido para uma gama de registros expressivos e práticos, diretamente conectados a vida social e ao mundo externo".

¹⁹ Classe social, status, mobilidade social, exclusão...

vir-a-ser para os grupos em estudo o que significa dizer, criar maneiras para a superação dos seus modos de ser, compreender e analisar as suas experiências históricas. Nesse contexto, é interessante pensar a produtividade de uma forma de análise que procure no olhar do outro, nos ritmos (espaço-temporais) que esses estabelecem, nas marcações afetivas, simbólicas e sociais, a sua força de sobrevivência. De acordo com Maffesoli (1997, p.246), "as tribos contemporâneas comungam com seus bairros, ruas, lugares de encontro e criam assim uma socialidade específica impossível de ser compreendida por nossos clássicos, demasiadamente racionais, instrumentos de análise".

Voltemos à imagem do bairro de São Sebastião²⁰ por meio de um novo questionamento: é possível estabelecer vinculação analógica entre uma estética do estar-junto e o vivido cotidianamente²¹ pelas pessoas do bairro em estudo? De um lado, essa é uma questão que se funda sobre uma idéia de racionalidade que acredita que há uma correspondência intrínseca entre aquele que pensa e o que é pensado. No entanto, muitos poetas já alertaram para essa difícil relação²². De outro lado, pensar esse estar-junto e a emoção que atravessa esse (com)viver para além das formações psicológicas que engendram e põem em relação esses diferentes indivíduos, mas como estrutura antropológica, na qual a festa, as relações de parentesco, a religiosidade, a idéia de família, a memória

²⁰ Consideramos importante pensar sobre o processo de transfiguração que passa o santo, São Sebastião, como representação do sentimento de afetividade dos moradores do bairro. Primeiro, com um culto quase particular, pois, de acordo com a narrativa dos moradores, no início o santo ficava em uma casa na qual se procedia as orações; segundo por iniciativa da comunidade, foi construída uma pequena capela de madeira para abrigá-lo. Naquele momento o culto continuava a ser realizado pelos moradores, especialmente pelas mulheres. Somente depois, a igreja do bairro foi vinculada e reconhecida pela Paróquia de Palmas. A imagem do santo, ainda que presente em diferentes momentos da vida comunitária, enseja diferentes relações (de religiosidade, poder, de socialidade).

²¹ Se os poetas de alguma forma anunciam o que é nascente ou olham para o que sempre esteve ali e conseguem visualizar palavras, rimas, movimentos, sentidos, poesia..., podemos, dessa forma, buscar no seu movimento formas que nos ajudem descrever, antever contornos de composição do social. A poetiza Adélia Prado, fala do maravilhamento diante do banal, do cotidiano, do que se repete, do que é substancial.

²² No poema *Os Pósteros* Sant'Anna afirma "Eles vão nos achar ridículos os pósteros, nos examinarão com extrema curiosidade e um tardio afeto (...) Olhado de lá, tudo aqui será mais claro (...) Farão simpósios, debaterão e chegarão a bizarras conclusões. Assim entraremos para a história deles, como outros para a nossa entraram: não como o que somos, mas como reflexo de uma reflexão". Ou ainda Fernando Pessoa, quando diz no poema de Alberto Caetano (1996, p. 92) "pensar uma flor é vê-la, cheirá-la e comer um fruto é saber-lhe o sentido".

coletiva e individual dentre outros, como sentimentos que se gestam e organizam a partir desse lócus compartilhado cotidianamente, nos parece frutífero.

A questão anterior nos aponta um problema de difícil solução: conciliar a idéia de que o dito e o visto são possíveis dentro de determinada posição daquele que olha com a possibilidade de apreensão do vivido e sentido pelo outro. Nesse contexto, é que a idéia estética ascende, para nós, como potência, pois não indica como alternativa a superação desse paradoxo, mas o agrega, ressalta-lhe as linhas, problematizando as fronteiras, instaurando novos contornos para o que chamamos de pesquisa acadêmica. Nessa perspectiva, a aceitação da opacidade que impregna o cotidiano pode ser integrada aos processos de pesquisa e investigação.

Se o cotidiano tem sido foco de novas e constantes interrogações, é interessante pensar sobre o lugar (que escolhemos estar) para visualizar esse real insólito que nomeamos socialidade. Ainda que a questão não seja procurar novos modelos, a partir dos quais a sociedade terá que ser acomodada, é significativo buscar um elã que ofereça uma alternativa ao olhar racional imposto pela razão moderna. Nesse sentido, Maffesoli (2000) indica o “paradigma estético” como possibilidade de apreensão da múltipla possibilidade do eu e do aproximar-se de um sentimento comum que agrega os homens ou os grupos, desligando-se de uma idéia de identidade fragmentada no indivíduo para a busca de uma “estética comum e que serve de receptáculo à expressão do nós” (MAFFESOLI, 2000, p. 15). A percepção desse sentimento gregário, por vezes, se exterioriza em manifestações e ações expressas em um tribalismo identificável no dia-a-dia e, por vezes, povoa os subterrâneos, deixando antever pedaços de si. Assim, “a emoção ou a sensibilidade devem, de algum modo ser consideradas como um misto de objetividade e subjetividade” (MAFFESOLI, 2000, p. 20).

Nesse sentido, pode-se afirmar

(...) o que caracteriza a estética do sentimento não é de modo algum uma experiência individualista ou um interior, antes pelo contrário, é uma outra coisa que, na sua essência, é a abertura para os outros, para o Outro. Essa abertura conota o espaço, o local, a proximia onde se representa o destino comum. É o que permite estabelecer um laço estreito entre a matriz ou a aura estética e a experiência ética (MAFFESOLI, 2000, p. 22).

Referimos anteriormente, a imagem de um tacho, objeto apresentado por uma entrevistada na segunda visita que fizemos ao bairro. Consideramos importante narrar como a moradora o apresentou: “vê, esse tacho, era dos antigos, primeiro era usado para fazer comida quando havia puxirão; depois, foi ficando velho e era usado para ferver roupa pelas lavadeiras do bairro, agora foi pintado e está aqui na frente da casa de meu filho²³”.

Consideramos importante essa descrição, ainda que esta possa ser tomada como escolha arbitrária e de fato o é, porque ela remete para uma transfiguração pela qual passa o objeto. Primeiro, ligado ao trabalho, e que engendrava um estar-junto-comunitário, usado nos momentos em que o grupo, ainda que por necessidade, estreitava laços de solidariedade (construção de uma moradia, organização de uma nova lavoura, colheita...). No segundo indicativo de uso, o objeto passa a ser tomado pelas mulheres do bairro para ferver e alvejar roupas; no terceiro, o objeto passa a ter a função de evocação e invocação de certa socialidade.

Antes de refletirmos sobre o caráter particular dessa transfiguração, consideramos importante esclarecer que o tacho fica na frente de uma casa - que tem centralidade na topografia do bairro, pois se localiza em frente à igreja, próximo a escola, do centro comunitário, podendo ser pensado como um espaço que marcou e marca o estar-junto. O tacho permanece na frente da casa, pintado de preto (renovado), como patrimônio para ser visto. No entanto, é interessante refletir que esse tacho não é mostrado da mesma forma que objetos expostos em museus, nos quais as marcas visíveis de sua existência e do seu tempo de uso se mantêm. Ali, é preciso renová-lo, pintá-lo, tornar sua presença atualizada.

Entendemos que, o objeto, nesse processo de atualização, antes com funções ligadas ao trabalho e ao engendramento de solidariedades grupais, passa, agora, a ter a função de fazer lembrar essas éticas. Vemos que nos três momentos há uma mudança no espaço de uso (casas dos moradores durante o puxirão, proximidade do riacho, em frente de uma casa como objeto de exposição): da

²³ Fala de Maria Arlete Ferreira enquanto passeava conosco pelo bairro apresentando pessoas e objetos que considerava significativos para a história do bairro. Anotação no caderno de campo dia 25/02/2005.

mesma forma que mudam os significados relacionados ao produto do seu uso (estreitamento dos laços de solidariedade, função econômica, função de rememoração...). Quando usado para ferver roupas, era o produto, roupa alva, que era o objetivo das mulheres, quando cozinhavam, parece que funcionava como símbolo agregado, era o alimento que ele continha que lhe conferia importância.

Naquele momento, o estar-junto era associado ao saborear, ao acrescentar temperos, às trocas. A família que organizava o puxirão era responsável pela centralidade da produção do alimento (arroz-de-carreteiro, arroz-com-galinha...). Aqueles que vinham ajudar doavam a capacidade de trabalho, porém mais que isso, emprestavam seu tempo, sua energia para que algo novo surgisse. Nesse contexto, o objeto tacho é meio, a partir do qual o alimento (do corpo e dos laços de solidariedade), como expressão cultural se manifestava. Convém ressaltar que esse mesmo objeto era usado para fazer doces de goiaba, marmelo, figos, os quais, segundo as entrevistadas, também identificavam a fama de doceiras de suas antecessoras.

No processo de fazer o alimento se estabelecia laços, o que nos faz lembrar a afirmação de Woodward (2000, p.42): "a cozinha é o meio universal pelo qual a natureza é transformada em cultura. A cozinha é também uma linguagem por meio do qual falamos sobre nós próprios e sobre nossos lugares no mundo". Fazendo relação entre a asserção e o vivido pelos moradores do bairro, parece que a produção do alimento e a guarda do objeto no qual este era preparado, traz indicativos importantes sobre as relações vividas naquele espaço.

Já referimos o uso posterior do mesmo objeto - receptáculo usado para branquear as roupas, atividade desenvolvida de forma predominante pelas mulheres do bairro. Como nas reflexões anteriores, nos valem das descrições das moradoras para colocar em jogo algumas ponderações: "a gente lavava roupas, nossas mães lavavam roupas, nós ia ali no riacho, estendia uma tábua para esfregar a roupa, às vezes levava as crianças junto e lavava. Algumas a gente fervia, por que nós era caprichosa. Tudo ficava limpo" (MARIA ALVINA, 81 anos, 24/02/2005). A partir da narrativa dessa moradora podemos fazer algumas elocubrações tomando ainda o objeto-tacho como mote para reflexões: como o objeto-tacho,

envelhecido pela ação do tempo e inútil para a fabricação de alimentos, ganha novos significados? Quais os novos espaços que esse é usado?

Consideramos interessante chamar a atenção para alguns elementos na fala da mulher, sobre os quais interessa refletir: a marcação de um tempo que se repete, expresso quando a moradora afirma a atividade feita por elas, por suas mães; a um espaço dividido e ocupado pelas mulheres e crianças, às atividades, lavar e tornar limpas e alvas as roupas. Se nos voltarmos para as temporalidades, expressas na fala da moradora, vemos certa letargia do tempo, é como se elas lembrassem que essa atividade foi "sempre" feita por nós.

Temos, aqui, um tempo, marcado pela repetição (indicativo de uma situação econômica) que parece permanecer no cotidiano das mulheres do bairro. Temos, ainda, um espaço de trabalho - o riacho, no qual a presença das crianças é constante. Uma das moradoras nos mostrou uma fotografia que registra um desses momentos. Na imagem, vemos uma mulher sentada na tábua usada para lavar roupas com uma das crianças pequenas no colo, uma bacia; no chão, uma trouxa com roupas e, próximo, mais cinco crianças a observar as atividades. Sabemos, evidentemente, que a fotografia, por tudo que envolve a sua produção, não pode ser tomada como a verdade sobre o que acontecia no desenvolvimento dessa atividade. No entanto, podemos inferir que ela guarda certa ambiência do que transcorria naquele espaço. Podemos nos perguntar como esse espaço era significado? Como as atividades de trabalho, educação, relacionamento com os filhos se desenvolviam? O que essas mulheres conversavam enquanto lavavam roupas? Enfim, quais as socialidades colocadas em circulação nesse estar-aí?

É possível perceber, nesses questionamentos, como o objeto-tacho praticamente perde força na narrativa. Ele continua meio, a partir do qual se desenvolve determinada ação, mas os sentimentos e as socialidades que marcavam uma proximidade como atividades vividas coletivamente, deixaram de existir.

Voltemos ao objeto como patrimônio, afixado na frente da casa. Consideramos interessante dizer que a casa do filho da entrevistada está a aproximadamente dez metros da sua. Essa localização nos produz outros questionamentos: Por que a entrevistada já doou para o filho tal objeto? Por que justamente para

este filho? Por que ela não o pintou e o manteve na frente da sua casa? Evidentemente não pretendemos responder tais questões, mas decidimos apresentar certa intuição sobre o que vimos.

Quando nos mostrou o tacho, D. Maria Artele chamou a atenção para o fato de ele estar com a família e fazendo parte das atividades que envolviam os moradores do bairro "desde o início". Parece que existe certa relação de perenidade - movimento que admite novos usos, transfigurações, rearranjos. A entrevistada parece apostar em certa continuidade, em novas possibilidades de inserção do objeto. Nesse sentido, consideramos interessante que a doação é feita ao filho, que, como ela, mora *no centro do bairro*, em um espaço no qual se inscreve muito do que marca o estar-junto. Assim, parece que o aleatório, doar aquele objeto a esse filho, está marcado de significados relacionados à idéia de continuidade, há um tempo orbicular. Essa continuidade se expressa também em uma energia que faz viver o momento presente com intensidade, e que, no caso tratado, pode estar relacionado à exposição do objeto e a presentificação de socialidades que sua exposição enseja. Nesse sentido, Maffesoli (2001, p.107) afirma que

a vida "humilde" e os seus trabalhos simples somente podem ser vividos porque existe uma força mágica poética que os alimenta sem cessar. A poética da vida cotidiana, as criações minúsculas e imperceptíveis permitem de fato a perduração da socialidade. Se não houvesse uma carga mágica na vida cotidiana o aspecto mortífero da automação dominaria a pulsão do querer viver.

Afirmamos que tomaríamos dois objetos, uma imagem de um santo e um tacho de ferro, artefatos significados no bairro que nos propomos estudar, para estabelecer uma analogia entre duas idéias relevantes na organização desse artigo: estética, como esse sentimento experimentado e vivido cotidianamente e, ética²⁴ como o que cimenta as relações vividas em grupo.

Nesse movimento se produz um impulso para o estar-junto, algo que liga e aproxima pessoas que partilham uma mesma espacialidade, que pode ser imaginada, simbólica ou real (ou, muito

²⁴ Entendemos que as relações étnico-raciais impregnam as éticas e estéticas do estar-junto.

provavelmente, essas diferentes instâncias entrecruzadas). Assim, “a sensibilidade coletiva, originária da forma estética acaba por constituir uma relação ética” (MAFFESOLI, 2000, p. 27).

Ao antevermos traços dessa socialidade nos questionamos sobre o lugar que as questões étnico-raciais ocupam nesse estar-junto e sobre as formas a partir das quais ela se manifesta. Para essa discussão consideramos significativo o que apresenta Moura (1997) quando analisa as festas nos quilombos contemporâneos²⁵ e chama a atenção para o aprendizado vivido pelas crianças nos momentos de festas²⁶

(...) porque participam de todas as atividades: nas danças, nos cânticos, na arrumação do ambiente, na seleção das roupas, na preparação do altar, isto é desde o momento da festa até sua finalização. Todo o processo é participativo e as crianças e os jovens querem tomar parte nos rituais porque aquilo faz sentido para eles, faz parte de sua vivência e reafirma a noção de pertencimento aquela comunidade. Aprendem assim seus papéis e a hora de exercê-los por que lhes é permitido compreender o legado dos mais velhos, recriado no presente (MOURA, 1997, p. 240).

De alguma forma transparece, no comentário da autora, a idéia de conhecimentos produzidos em espaços de socialidade e no estar-junto. Para a discussão dessas questões, reconhecemos o vigor da idéia de diáspora²⁷, esboçada por Gilroy (2001). Entendemos que a energia dessa idéia de uma cultura diaspórica, está justamente em não estabelecer como meta, tracejar os fios que conectem uma origem (nacional ou transnacional), a marcação de elementos culturais originais: busca de traços africanos no agir, no ser e no sentir; parece-nos que essas noções centram a atenção a uma cultura do contato, às formas de interação, aos lineamentos, as amálgamas.

²⁵ A autora nomeia dessa maneira as comunidades negras rurais e/ou urbanas que se organizaram de variadas formas: compra, herança, doação de terras, resistência ao processo escravista.

²⁶ A autora chama de currículo invisível o processo de conhecimentos apreendidos e compreendidos pelas crianças no processo de estar-junto.

²⁷ Gilroy (2001, p. 20) afirma que “Formas contrastantes de ação política emergiram e criaram novas possibilidades e novos prazeres através dos quais os povos dispersados reconheceram que os efeitos do deslocamento espacial tornavam a questão da origem inacessível e em ampla medida irrelevante. Eles podem mesmo chegar a aceitar de que não são mais o que já foram um dia, e não podem, portanto, rebobinar as fitas de sua caótica história cultural”.

Acreditamos que nesse bairro a idéia de híbrido, de mistura tem centralidade. como expressa D. Maria Arlete “nós aqui era tudo negro, depois chegou alemão, italiano e nós fomos ficando assim²⁵”. A idéia expressa na fala da entrevistada, com relação às características étnico-raciais, pode ser extensível a uma compreensão de cultura como substrato na qual são ativadas e movimentadas formas ricas e complexas de interação.

Referências

BAUER, José de Araújo. **Reminiscências: história de Palmas.** Palmas: Kaigang, 2002.

BOSI, Ecléia. **O tempo vivo da memória.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CHOASTE, Adriana. **As representações sobre o negro no município de Palmas: o caso do bairro de São Sebastião ou Rocio dos Pretos.** Monografia apresentada ao curso de especialização em Movimentos Sociais e Desenvolvimento, Unioeste, Francisco Beltrão: 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro.** São Paulo: Ed 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudo Afro-Asiáticos, 2001.

GUATARRI, Felix. **Caosmose: um novo paradigma estético.** São Paulo: Editora 34, 1992.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível.** Petrópolis: Vozes, 1998.

²⁵ Ao fazer essa afirmação, mostrou os netos, dois meninos, de aproximadamente sete anos, gêmeos, de cor negra e olhos verdes. Afirmou que em sua família tinha “gente de toda cor, por que somos tudo misturados” (D. MARIA ARLETE, 10/03/2004).

MAFFESOLI, Michel. **A transfiguração do político: a trinbalização do mundo**. Porto Alegre: Sulina, 1997.

_____. **A conquista do presente**. Natal: Argos, 2001.

_____. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

MARCONDES, Herverzita Fortes. **Educação Hoje**. Vol. 3, p. 1-95. 1977.

MOURA, Maria da Glória da Veiga. **Ritmo e ancestralidade na força dos tambores negros**. São Paulo, 1997.

NAZARO, Lucy Salete Bortolini. **Palmas, uma história de fé, luta e garra de um povo**. Palmas: Kaigang, 1999.

NIETZCHE, F. **Os Pensadores**, vol 1 e 2. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

PESSOA, Fernando. **O eu profundo e outros eus**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

SCHMITT, Alessandra. **Uma irmandade em redefinição: conflito entre o modo de vida camponês e organização coletiva do trabalho - um estudo sobre os cafusos de José Boiteux, SC**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo. São Paulo: 1998.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, Tomas Tadeu da (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

Recebido: 27-04-2006

Aprovado: 19-06-2006